

O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE FORTALEZA

Raimundo Nonato Nogueira de Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de modernização de Fortaleza, evidenciando a disciplinarização e a exclusão dos pobres do centro da cidade. Nesse contexto predominou no Ceará a Oligarquia Accioly (1896-1912). E foi marcado por significativas obras, como o Mercado do Ferro (1897) e o Teatro José de Alencar (1910). O progresso da cidade também foi impulsionado com a inauguração do Cine Majestic em 1917, cuja construção toda de ferro, representou um novo estilo de vida em Fortaleza. A cidade se moderniza juntamente com o comércio e a indústria. Se destaca Jacarecanga, o primeiro “Bairro Chic” da cidade. Surgem grandes favelas, como a do Pirambu, Mucuripe, Cercado do Zé Padre, Lagamar, Morro do Ouro, Varjota, Meireles, Papoquinho e a estrada de Ferro, todos esses espaços passaram a ser ocupados pela população carente.

Palavras Chave: Cultura e Poder – História do Ceará – Modernização – Cidade – Fortaleza

Abstract: This study aims to analyze the process of modernization of Fortaleza, showing the disciplining and exclusion of the poor from the city center. In this context a predominated in Ceará Accioly Oligarchy (1896-1912). It was marked by significant works such as the Iron Market (1897) and Teatro José de Alencar (1910). The progress of the city was also boosted with the opening of The Majestic in 1917, the construction of all iron, represented a new lifestyle in Fortaleza. The town is being modernized with the trade and industry. Jacarecanga stands, the first "Neighborhood Chic" city. Appear large favela, as the Pirambu, Fortaleza, Fenced Zé Padre, Lagamar, Morro do Ouro, Varjota, Meireles, and the road Papoquinho Iron, all these spaces are now occupied by the poor.

Keywords: Culture and Power - History of Ceará - Modernization - City – Fortaleza

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará. Estudante do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará. Orientador: Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas.

A virada do século XIX para o século XX, a modernização² apresentou-se com vigor, poder e espírito expansionista sem precedentes na história da cidade, esta se transformou em promotora de signos de ostentação, grandiosidade, monumentalidades, mas também repressão, controle, vigilância.

No período que vai de 1896 a 1930 se efetivaram significativas mudanças no tocante à modernização e disciplinarização da população de Fortaleza. O ano de 1896 marcou de fato o período de modernização de nossa cidade:

Foi nesse momento que principiou a ascensão do bacharel Nogueira Accioly rumo à Presidência do Estado e à constituição de sua oligarquia, uma das mais duradouras (de 1896 a 1912) das tantas que despontaram no Brasil na Primeira República. Accioly não era um dos republicanos históricos cearenses. Ainda no período monárquico tornou-se presidente do Partido Liberal cearense após a morte do seu sogro, Senador Pompeu. Protegido pelo Ministro Sinimbu ocupou a Presidência da Província em 1878. Em outubro de 1889 foi nomeado Senador do Império, cargo que não chegou a assumir devido à Proclamação da República. (PONTE, 1993, p.37).

Contudo, em 1892 Accioly se tornou Senador, cargo que lhe conferiu grande influência na política cearense. Nesse mesmo ano foi escolhido para ocupar o cargo de Vice-Presidente do Estado na gestão do tenente-coronel José Freire Bizerril. O fato de ser um florianista assumido rendeu-lhe muito prestígio e popularidade, sendo, pois, eleito presidente do Ceará em 1896, tornando-se o primeiro governante civil do Estado.

A oligarquia Accioly, cuja vigência foi de 1896 a 1912, teve como Intendente da Capital o coronel Guilherme Rocha, que de acordo com a historiografia cearense³ foi um dos administradores municipais que mais fez pelo embelezamento e melhoramento físico do ambiente urbano de Fortaleza.

Uma das obras mais significativas da administração do Coronel Guilherme Rocha foi à inauguração, em 1897, do Mercado de Ferro, o mais belo e confortável prédio construído na cidade numa elegante estrutura metálica pelo francês Guillot Pelletier, de Orleans, de acordo com o projeto do arquiteto Lefevre. O fato de sua estrutura ter sido construída na França deu ao prédio a imagem de símbolo da

² Ato de modernizar. Contudo, como evidencia Antonio Luiz Macedo e Silva (2002): “Embora hegemônica no discurso do poder público, a modernização estaria ainda bem distante no discurso dos arrabaldes da cidade e, possivelmente, da maioria de sua população”. (p.64).

³ Ver PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993 e CASTRO, José Liberal de. “Arquitetura Eclética no Ceará”. In: Fabris, Annateresa (org.) Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo, Editora da USP, 1987.

modernidade, um pedaço da França, dentro da emergente Fortaleza. Nesse período de nossa história, as principais construções eram feitas de ferro, além do antigo Mercado (1897); o Teatro José de Alencar (1910) e o Cine Majestic (1917) caracterizam muito bem essa bela época, por conta do estilo art-nouveau:

Após a construção do Mercado de Ferro, o poder municipal investiu na ampla remodelação das 3 principais praças da capital - a “do Ferreira”, a Marquês do Herval e a da Sé - inauguradas com muitos festejos. Nesses logradouros foram introduzidos canteiros de flores (“verdadeiros jardins de fadas”), “avenidas”, cópias da estatuária grega, vasos importados, chafarizes e largos pavilhões abertos para a ocorrência de retretas, patinação e ginástica. (Op. cit. p. 39).

Essas três praças não eram apenas espaços para a circulação de pessoas, mas locais para a prática de exercícios físicos, que faziam bem tanto à saúde corporal quanto mental dos moradores da cidade.

Sempre atento aos padrões de embelezamento de Fortaleza, o Coronel Guilherme Rocha fez vigorar o Código de Posturas de 1893, que, dentre outros, descrevia uma certa padronização nas construções, cujo objetivo era manter uma harmonia do conjunto urbano. Além dessas obras erguidas pelo poder público, a capital cearense foi presenteada por novas lojas, clubes, hotéis, mansões e chácaras que preservavam em suas características o “ecletismo arquitetônico” que prevalecia na Europa.

Para boa parte dos membros das elites locais, a Europa era o centro irradiador de ideias e valores, entendida por vários segmentos como ideal a ser seguido, influenciando o autometamorfoseamento. As mudanças urbanísticas ocorridas em Fortaleza na última década do século XIX têm sido identificadas somente como produtos, recursos e necessidades advindas da economia algodoeira e de feitos de dirigentes locais. Mas se deve lembrar que o processo de remodelamento que ocupou Fortaleza fazia também parte de um contexto de urbanização de cidades brasileiras.

O período de remodelação de Fortaleza trouxe novos olhares sobre a cidade, uma redefinição da identidade e representações diferenciadas dos outros espaços por parte de seus próprios habitantes especialmente suas autoridades e elites. Esse período de embelezamento fez com que Fortaleza passasse a ser representada por segmentos da sociedade local como a Cidade moderna e civilizada.

Esse processo civilizatório afetou os costumes da população de Fortaleza, que motivada pelas novidades vestiu a máscara da hipocrisia se entregando aos vícios e à

luxúria que os novos tempos traziam, destruindo gradativamente as relações sociais afetivas e promovendo assim uma corrida sem freios ao mundo dos excessos que o desejo modernizador despertava, muitas vezes afetando o bem-estar físico, moral e social dos indivíduos.

A capital crescia na virada dos séculos XIX e XX. A população de 42.458 habitantes em 1872 passou para 48.369 em 1900. A agitação ligada à circulação de passageiros e de mercadorias no porto evidenciava o seu dinamismo. Com a reestruturação urbana e com a pujança da economia algodoeira, passaram a viver na capital não só as elites agroexportadoras, mas grandes negociantes, técnicos, profissionais diversos e uma gama de trabalhadores que exerciam suas atividades na cidade que se expandia.

As transformações empreendidas no final do século XIX em Fortaleza objetivavam, além da remodelação e ampliação dos espaços públicos e implantação de inovações na dinâmica do espaço urbano, a consolidação de outro tipo de sociabilidade, que estava identificada com o padrão que estabelecia a vida moderna e cosmopolita, ou seja, o perfil dos habitantes da cidade deveria estar condizente com a nova postura que tinha a cidade: uma vida urbana estabelecida sob uma nova ordem.

Foi sob a ótica da construção de ideais que se tornou imperativo destacar e compreender o grau de relevância dos signos que representavam modernidade⁴ e civilização erigidas na cidade. Foram espaços permeados de simbolismos que se configuraram nas relações de sociabilidade das elites, mas que se tornaram híbridos pela presença, pela permanência e pela circulação de segmentos sociais variados que compunham a cidade.

No século XX, muitos prédios foram erguidos graças à iniciativa dos setores sociais dominantes, como é o caso da sede da Fênix Caixerel, inaugurada em 1905 e do palacete de Carvalho Mota, projetado em Paris, em 1908. Outra construção que veio dar brilho ao centro da cidade foi a inauguração do Teatro José de Alencar, em 1910, considerada a maior obra arquitetônica de Fortaleza e uma das mais belas do país.

⁴ O termo modernidade costuma ser associado a alguns termos-chave como razão, ciência, técnica, progresso, emancipação, sujeito, historicismo, metafísica, niilismo, secularização. De acordo com Max Weber, a modernidade é a época de racionalização técnico-científica que tem como consequência o "desencantamento do mundo". (ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.791.).

A construção do Teatro José de Alencar foi uma das grandes realizações do governo Accioly, que rendeu aplausos até da oposição que acreditava no significado de tão imponente construção para as artes e para o progresso da Cidade.

A fabricação da estrutura metálica do Teatro coube à firma escocesa Walter MacFarlane & Co., de Glasgow, contratada por intermédio dos Bóris Frères, em Paris, sob procuração do governo Accioly. Em Fortaleza havia, desde os meados do século XIX, uma Casa Boris Frères filial daquela homônima parisiense. Em pouco tempo, a firma se tornou uma das maiores instituições econômico-financeiras da região, inclusive intermediando empréstimos europeus contraídos pelo Estado. (Op. cit. p. 46).

Além do Teatro José de Alencar, o governo Accioly⁵ idealizou o saneamento urbano da cidade, através do serviço canalizado de abastecimento da água e esgoto, projeto esse que não conseguiu concretizar em sua gestão, pois fora impedido por conta da revolta urbana que o depôs em 1912. Contudo, o projeto de saneamento urbano foi retomado pelo governo de Franco Rabelo, que reconfiou o projeto ao engenheiro João Felipe Pereira. Por conta da deposição de Rabelo, a obra acabou retomada por outras administrações, sendo finalmente concluída na década de 20.

Durante o governo Rabelo, coube a administração da Cidade ao Intendente Ildefonso Albano, que através de empréstimos autorizados pela Câmara, idealizou a construção de um “matadouro moderno”, um mercado de verduras com estrutura metálica e uma vila operária para resolver os problemas de moradia popular. No entanto, tais obras acabaram não sendo realizadas por causa da Sedição do Cariri:⁶

Importa lembrar que a ideia da criação de vilas operárias para solucionar a questão da moradia popular foi uma estratégia médica-burguesa, que encerrava vários objetivos disciplinares. Além de contornar a insalubridade e promiscuidade que o saber higienista observava no interior das residências populares, onde muitas pessoas viviam apertadamente e sem cuidados higiênicos, pretendia-se que as casas asseadas e ajardinadas das vilas operárias criassem no proletariado o gosto pela intimidade do lar, bem como oferecessem condições para a reprodução do modelo burguês de família nuclear. (Op. cit. p. 53).

⁵ Ver THEOPHILO, Rodolfo. A libertação do Ceará (A Queda da Oligarchia Accioly). Lisboa, Typ. Editora Limitada, 1914 e AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza Descalça. Reminiscências. Fortaleza, Edições UFC, 1983 – capítulo que trata da “Queda do Governo Accioly”, p. 75-78.

⁶ Ver THEOPHILO, Rodolfo. A Sedição do Joazeiro. São Paulo: Editora Revista do Brasil, 1922.

A intenção do poder público municipal era estimular o trabalhador a ter um novo modo de vida, dentro dos padrões que atendessem aos interesses da elite dirigente. Os trabalhadores deveriam sair do local de trabalho e seguir direto para o espaço do lar, onde a segurança e o conforto seriam sinônimos de saúde, ordem e paz social. Essa medida disciplinar evitaria as tentações nocivas e licenciosas das ruas, onde os bares e os bordéis representavam um estado de anarquia e perigo social.

Durante os dois anos que ficou à frente da Intendência, Ildefonso Albano realizou algumas medidas que refletem muito bem o seu desejo de modernizar a cidade, tornando-a mais higiênica e bonita. Diante desse desejo de viabilizar a saúde e a limpeza pública, proibiu o comércio ambulante nos espaços públicos de produtos que causassem sujeira e pudessem representar ameaça à saúde da população.

As obras de melhoria urbana foram motivadas também pela chegada dos primeiros automóveis em Fortaleza. Segundo pesquisadores cearenses, o primeiro veículo chegou por volta de 1909, importado pela Empresa Auto-Transporte Cearense, cujos proprietários eram Júlio Pinto e Meton de Alencar:

Foi o automóvel que obrigou os administradores a melhorar a pavimentação da cidade, imaginando-se a solução provisória do trilho de pedra para ônibus (fato sui generis, de que ainda existem vestígios na Rua José Avelino), seguida do piso de concreto e, finalmente, de asfalto. (ADERALDO, 1998, pp. 40-41).

Na gestão do prefeito Ildefonso Albano, as ruas do centro de Fortaleza foram alargadas para facilitar a vida dos pedestres e dos condutores de veículos. Nesse período inicia a era dos bondes elétricos.

Havia bondes de “tostão” e de “dois tostões”, isto é, de cem e de duzentos réis, que eram identificados pela cor de suas testadas: - o de segunda classe era prateado e o de primeira classe era pintado de verde. Os cupões de passagens, destacados pelos cobradores (condutores, como eram impropriamente chamados) à vista dos passageiros, eram a estes entregues porque valiam a centésima parte de seu preço, desde que registrados em favor de associações de caridade, como a Santa Casa, o Asilo de alienados, o Leprosário etc. Dessa forma, a empresa concorria para aquelas filantrópicas entidades e, ao mesmo tempo, controlava o movimento de passageiros, para efeito de tomada de contas. (Op. cit. p. 41).

De acordo com Aderaldo (1998), outra que também impulsionou o progresso da cidade foi à inauguração do Cine Majestic em 1917, cuja construção toda de ferro,

representou um novo estilo de vida em Fortaleza. Tal sala de exibição foi um dos exemplos de modernidade que acabou motivando as famílias a saírem de suas casas, fazendo com que as mesmas fossem aos poucos perdendo o hábito de se reunir em rodinhas nas calçadas para conversar. Nessa época era comum os moradores de Fortaleza colocar cadeiras no espaço público, que acabava se tornando privatizado por estes usuários. Ainda hoje esse hábito antigo é preservado pelos moradores de alguns bairros da periferia da cidade. Outro cinema que marcou nossa cidade nesse período foi o Cine Moderno. Inaugurado em 1921, essa sala de exibição foi construída em formato de palácio egípcio e a exemplo do Majestic era localizado na Praça do Ferreira.

Não só de construções se caracterizou nossa cidade. A modernidade no início dos anos 20 trouxe consigo uma nova consciência da classe trabalhadora⁷ que, motivada pelas mudanças ocorridas na Europa, acabou por se organizar no Ceará. Em 1917, os operários cearenses paralisaram suas atividades, era a greve dos trabalhadores da Ceará Light and Power, movimento que teve continuidade em 1918, 1925 e 1929.

Influenciados pela revolução bolchevique na Rússia de 1917 e pela fundação do Partido Comunista Brasileiro em 1922, os operários cearenses se organizaram e entre 1917 e 1921 fundaram o Partido Socialista, a Associação Gráfica do Ceará e a Federação das Classes Trabalhadoras Cearenses. A classe dominante local também começou a se organizar, criando em 1919 o “Centro Industrial Cearense”, como uma forma de manifestar seu poder dentro do espaço político-ideológico da cidade.

Com a chegada do século XX, muitas mudanças se efetivam no mundo do pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918), além dos milhares de mortos e da devastação de cidades europeias, esse período é marcado também pela decretação do fim de um modo de viver florido e eufórico, que tanto caracterizou a cidade. Em Fortaleza, a deposição de Nogueira Accioly em 1912 e a Sedição de Juazeiro de 1914, que culminou com a deposição de Franco Rabelo, significaram o início do declínio dos “belos tempos” que caracterizaram nossa cidade. Mas os anos 20 ainda presenciaram muitas reformas, como a da Praça do Ferreira, do Parque da Liberdade, do sistema de avenidas e do surgimento dos bairros elegantes na cidade.

A Praça do Ferreira, hoje considerada o coração de Fortaleza, encontra-se situada entre as ruas Floriano Peixoto, Major Facundo, as travessas Pará e Pedro

⁷ Ver THOMPSON, Edward P. – Tradicion, Revuelta y Consciencia de clase-estudios sobre La crisis de La sociedad preindustrial, Ed. Crítica, Barcelona, 1979.

Borges. A praça possui este nome em homenagem ao Boticário Ferreira. Antes ela era conhecida como Praça das Trincheiras e em 1839 ainda se encontrava constituída em forma de um campo de areia com um grande poço no seu centro que funcionou até 1920.

Em 1850, para alguns historiadores, a Praça do Ferreira era apenas um largo de areia frouxa, rodeada com alguns cajueiros e casebres, destacando-se os sobrados do comendador Machado de 1825 e também do comendador Pacheco, em 1831, para mais tarde se tornarem sede da Municipalidade.

Hoje onde nos defrontamos com o prédio da Caixa Econômica, funcionava o prédio do Ensino Mútuo. Havia também na praça o “beco do cotovelo”,⁸ com casas dispostas em forma diagonal, que mais tarde foram demolidas por Antônio Rodrigues Ferreira – que ficou conhecido por boticário Ferreira, devido à sua função ilustre na cidade.

Em 1842, já com grande popularidade, o boticário Ferreira foi eleito presidente da Câmara Municipal e decidiu acabar com o “beco do cotovelo”, aumentar as ruas de Fortaleza, imprimindo na cidade padrões de beleza.

A praça foi criada em 1871 para homenagear o boticário Ferreira, nesse período ficou conhecida também como Feira-Nova, Pedro II e da Municipalidade. Somente no dia 7 de setembro de 1902, é que teve sua primeira urbanização, através da iniciativa do Intendente Guilherme Rocha, com a construção de um jardim, denominando-se de Jardim 7 de Setembro, sendo rodeada de colunas de concreto e grades de ferro, em frente ao Cine São Luiz.

Em 1920, durante a gestão do Prefeito Godofredo Maciel, a Praça sofrera a segunda remodelação, seguindo padrões de estética que pudessem facilitar a circulação de pedestres, bondes e automóveis. Até então existiam cinco quiosques e a praça era toda coberta por mosaicos. Estes quiosques ficaram famosos por abrigarem quatro cafés, entre eles, o famoso Café Java – local onde se reuniam jovens intelectuais e poetas que difundiram seus ideais e marcaram a época. Os outros Cafés denominavam-se “Café Iracema”, “Elegante” e “Do Comércio”. Os quiosques também serviam de posto de fiscalização da Companhia da Luz. Com a reforma foram retirados todos os

⁸ De acordo com Mozart Soriano Aderaldo em seu livro História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada (1998): “Onde hoje se acha a Praça do Ferreira, existia uma série de casas conhecida por Beco do Cotovelo, de cuja extremidade partiam três incipientes ruelas: Rua do Cajueiro (Pedro Borges), Rua das Trincheiras (Liberato Barroso) e Rua do Fogo (Major Facundo).

quiosques, mosaicos e com isso os cafés e em seu lugar construídos vários jardins, colocando em seu centro um coreto sem cobertura, onde todas as quintas-feiras, a banda da Polícia executava suas retretas.

Em 1923, foi colocado outro coreto coberto e somente dez anos depois, Raimundo Girão, acabou com os coretos e em seu lugar levantou a Coluna da Hora, que somente seria modificada em 1967. Muitas reformas ocorreram como o aterramento da cacimba que somente foi ativada em 1991, proporcionando a nova instalação da Coluna da Hora, com estilo “Art Dèco” de cimento e pó de pedra, bem diferente da anterior.

A Coluna da Hora ao ditar as horas da cidade, assumiu um papel relevante na tessitura urbana de Fortaleza, juntamente com os postes elétricos, o Hotel Excelsior e os bancos públicos. A sua construção gerou uma revitalização do tempo mecânico.

Em 1922, na gestão do Prefeito Ildfonso Albano efetivou-se a completa reforma do Parque da Liberdade, localizado na antiga “Lagoa do Garrote”, local constituído por um lago onde os animais trazidos do interior saciavam sua sede. Com a reforma, o Parque “ (...) recebeu cerco de gradil de ferro, muretas de alvenaria de estilo colonial, grande portão de entrada com azulejos portugueses (...)” (PONTE, 1993, p.59) e a estátua de um índio. Em 1925, o Parque recebeu a caixa d’água, existente até então no centro da Praça do Ferreira.

Essa transformação imposta à Praça do Ferreira, por ser o centro nervoso e gravitacional da cidade, onde as principais mudanças e novidades ocorriam com maior ressonância, é exemplar para demonstrar também que, nos ruidosos e agitados anos 20, tem início a constituição de uma nova organização do espaço urbano fortalezense, mais pautada pela racionalidade do que pelo embelezamento. (PONTE, 2007, p.186).

A partir dos anos 1920, o centro da cidade passa a perder o brilho que tinha no início do século. As ruas aos poucos vão perdendo sua formosura, deixando de ser um espaço residencial, se tornando eminentemente comercial. O fluxo interno de pedestres e carros tiram a tranquilidade do centro. A elite que residia no local acaba se transferindo para os bairros do Benfica e de Jacarecanga.

As famílias mais tradicionais de Fortaleza que passam a residir nos sobrados do Jacarecanga marcam profundamente a história política, econômica e cultural desse bairro nas décadas de 20 e 30.

A cidade que se moderniza alcançou seu auge com a produção algodoeira. E foi nesse contexto que começaram a os primeiros questionamentos acerca do acirramento entre as classes sociais.

Nas proximidades de Jacarecanga, a chegada do mundo da fábrica imbrica novas relações a partir da separação entre o lugar de produção e lugar de residência, em consequência da especulação sócio-espacial do trabalho. A cidade vai pouco a pouco criando novas formas de morar, surgem as vilas operárias e bairros inteiros dominados por atividades e hábitos até então desconhecidos. A cidade burguesa de Jacarecanga transfere-se lentamente para o leste, alcança a Aldeota e suas adjacências, recria espaços e forma-se no cenário da contemporaneidade. (SILVA, 2005, p.128).

A cidade se moderniza juntamente com o comércio e a indústria. Enquanto a verticalização e os novos equipamentos e serviços são novos ares à Fortaleza habitada por uma elite que não via com bons olhos a presença dos pobres no centro da cidade. As favelas passam a serem espaços de moradia para os pobres da cidade, que sofrem com a falta de saneamento básico e são expostas as doenças que se proliferam rapidamente. Essa dicotomia é responsável pelo acirramento das contradições sociais que passam a dominar a cidade, que a partir das exportações algodoeiras passou a adquirir as feições de um grande centro urbano, com seus edifícios, grandes avenidas e praças. A cidade torna-se um espaço “receptivo e inclusivo para todos”.

Contudo, percebe-se claramente uma linha divisória entre as classes sociais. De um lado da cidade, impera o glamour e o charme das elites que atestam o seu aformoseamento de centro equipado com comércio e serviços de qualidade, atendendo as necessidades da classe dominante local.

Entretanto, a cidade moderna cria novos espaços de segregação que estabelecem os limites entre o belo e o feio. As novas formas de isolamento, proteção e confinamento passam a fazer parte do cotidiano da cidade.

Percebe-se que a industrialização, o crescimento econômico e as secas periódicas no Estado levaram a um salto populacional de Fortaleza, aumentando de 42.458 mil habitantes, em 1872, para 48.369 mil em 1900. Referida transformação foi registrado, ainda em 1888, por Adolfo Herbster na descrição do bairro Arraial Moura Brasil como primeira forma de pré-favelamento.

No período entre 1889 e 1896, com o advento da Primeira República no mandato dos 3 governos militares cearenses, foram poucas as práticas dominantes

voltadas para os anseios de modernizar Fortaleza e disciplinar a população via estratégias higienistas e comportamentais (PONTE, 1993, p.37).

A chegada das oligarquias aos cargos executivos do governo nos anos seguintes, 1896 a 1930, levou à retomada da normalização urbano-social, mas o planejamento urbano continuaria apenas com os resquícios das orientações de Herbster.

(...) só em 1932 é que novamente se pensaria, com disposição de fazer, na elaboração de um plano de urbanização. Prefeitos municipais realizadores como Guilherme Rocha, Ildfonso Albano, Álvaro Weyne jardinarão praças e construirão obras, porém foram alheios a qualquer pensamento em favor da sistematização imprescindível (PONTE, 1993, p.61).

No início do século XX, dentre as transformações destaca-se a consolidação da Jacarecanga como o primeiro “Bairro Chic”. Logo após a crise do algodão, a efervescência urbana de Fortaleza entra em recesso e, dos anos 1920 a 1940, o crescimento demográfico de Fortaleza ocorre de forma acelerada, causada pela seca de 1932 e pela presença norte-americana em Fortaleza, no período da 2ª Guerra. O seu processo de metropolização consolidou-se com maior incentivo após a criação da SUDENE, pois a Capital e sua Região Metropolitana receberam altos investimentos econômicos, o que trouxe a migração do campo. Raimundo Girão, em sua planta cadastral da cidade de Fortaleza (1931), já demonstra a consolidação do Centro como cerne geográfico, e a expansão para os bairros circunvizinhos (Jacarecanga, Alagadiço, Farias Brito, Benfica, Tauape Joaquim Távora, Outeiro, Aldeota, Prainha e Pajeú) onde passavam os trilhos do bonde e do trem.

O Planejamento Urbano ressurgiu de fato, em 1933, na gestão do então prefeito Raimundo Girão, com o Plano de Remodelação e Expansão de Fortaleza, de Nestor de Figueiredo. No Plano, é definido um sistema de vias principais, radioconcêntricas, com ruas periféricas, o deslocamento da ferrovia da av. Tristão Gonçalves para av. José Bastos, que não se concretizou, e a permanência do porto na praia de Iracema, mesmo com fortes movimentos de implantação do equipamento na enseada do Mucurípe.

Nos anos 1930, inicia-se a formação do segundo “Bairro Chic”, a Aldeota, com a aglomeração nas proximidades do Colégio Militar (1919). Neste período, também se consolida a favelização do litoral, já apresentado por Adolfo Herbster (1888). O conceito de Plano Diretor, dentre outros surge em 1947 com Saboya Ribeiro, através do plano diretor para remodelação e expansão de Fortaleza, que não foi implantado. Apesar

de não sair do papel trazia consigo ações de planejamento até hoje pertinentes. Destaca-se já neste período a pioneira preocupação com o sistema ecológico, demonstrado na orientação de preservação dos leitos dos riachos Pajeú e Jacarecanga; hierarquização viária, com nomenclatura e caixas de ruas; nomenclatura para os Bairros; criou um zoneamento no Centro com o tipo de ocupação das quadras e delimitou o perímetro administrativo da Cidade, que ainda mantinha no referido período uma estrutura monocêntrica.

Até a década de 1930 a Barra do Ceará era um espaço caracterizado pela presença de colônias de pescadores, os quais deram origem ao bairro do Pirambu. Porém, a partir de 1940 o local passou a ser procurado pela elite de Fortaleza, que atraídos pelas belezas naturais: o rio, o mar, o encontro das águas, os coqueiros e as dunas, procuraram instalar chácaras no local.

Após a Segunda Guerra, a Barra do Ceará voltou a ser excluída do programa de lazer da elite fortalezense. A pobreza foi ocupando os terrenos à beira-mar, estendendo-se até a miserabilidade chocante que se concentrava no Pirambu. (JUCÁ, 2007, p.193).

Até então a Barra do Ceará era caracterizado por uma paisagem constituída por chácaras pertencentes a classe média, um espaço de lazer para os ricos da cidade. No entanto, teve que ceder espaço aos migrantes que deixaram a zona rural em períodos de seca. Notadamente, no ano de 1932, quando chegaram a capital, muitas famílias que passaram a ser enviadas aos campos de concentração construídas com a finalidade de reuni-los em um único lugar, sempre sobre o olhar disciplinador das autoridades e com o objetivo de oferecer-lhes “proteção”. Além dos campos de concentração, desativados em 1933, as indústrias também contribuíram para o povoamento da área. A Barra do Ceará dispunha de muitas indústrias. Esse processo de industrialização em Fortaleza teve início em 1872, com a primeira unidade industrial da cidade, a fábrica de tecidos Progresso. A primeira fase de industrialização em nossa cidade se estendeu até o final da década de 1950.

Muitas indústrias passaram a se concentrar na zona oeste da cidade, tendo como referência a área situada ao longo da Avenida Francisco Sá, tendo, pois seu início no bairro Jacarecanga, estendendo-se até a Barra do Ceará. Essa concentração de indústrias na zona oeste da cidade estava inserida no Plano de Desenvolvimento Integrado da

região Metropolitana de Fortaleza (PLANDIRF), o qual representava a segunda fase de planejamento da cidade. Contudo, esse processo de zoneamento e ocupação do solo, provocou à ocupação desordenada da área do Pirambu e de outras áreas da cidade, originando muitas favelas e conseqüentemente a proliferação da miséria em nossa cidade.

A partir de 1945, os dois bairros mais pobres eram o Arraial Moura Brasil, na parte baixa da cidade, espremido entre o centro comercial e a região da praia e o Pirambu, localizado na praia e noroeste do centro. No primeiro, o avanço do mar, sobretudo após o início das obras do porto ou mesmo a simples ação das chuvas provocava uma situação aflitiva aos seus moradores. (...) A invasão das marés ocorria no período de outubro a janeiro de cada ano. Em 1951, discutia-se, na Câmara, o descaso do poder público com relação ao Moura Brasil. Ali havia depósitos de lixo urbano, que era lançado no encontro das ruas Pe. Mororó e Braga Torres. Apesar de se falar no reinício das obras de enrocamento da praia do Arraial, em 1953, seis anos depois o mar e/ou a ação das chuvas ocasionavam danos às residências e ao calçamento do bairro. (JUCÁ, 2000, p.49).

As forças das marés atingiram também as praias do Meireles, Volta da Jurema, Iracema e Formosa, onde muitas famílias ficaram desabrigadas. Porém, a pior situação estava no Arraial Moura Brasil, onde muitas famílias de pescadores perderam seus barracos e houve inclusive caso de mortes. Em 1950 foram contabilizados a destruição de muitos casebres pela força das marés. Além do Arraial Moura Brasil, o Pirambu era outra área onde o sofrimento da população pobre era constante.

Pirambu era considerado um prolongamento do Arraial Moura Brasil, tanto territorial como no sofrimento do povo, embora a luta de seus moradores fosse mais intensa pela posse da terra. Desde 1948, possuía uma sociedade feminina para lutar contra a ameaça de expulsão dos moradores do bairro e a favor de melhorias urbanas. A maioria dos seus habitantes não pagava aluguel, pois suas palhoças situavam-se em terrenos pertencentes à Marinha. O ônibus que fazia a linha do bairro tinha o seu ponto final na Rua Braga Torres, após passar pelo Moura Brasil. Ali começava o Pirambu. (Op.cit, p.49).

A ação da Sociedade Feminina no Pirambu foi muito importante para a organização dos moradores. Pois dentre suas reivindicações estava à instalação de um calçamento que pudesse prolongar a linha de ônibus até onde o povo morava, além da luta por comida e remédios que era o lema dos moradores do Pirambu.

A Sociedade feminina do bairro solicitava que o calçamento fosse instalado na direção onde o povo habitava, para atender o verdadeiro fim da linha. E a esperança alimentava que “unido e organizado, fortalecendo a Sociedade Feminina do Pirambu, o povo conseguirá algo para o seu bairro”. A luta por comida e remédios era o lema dos moradores do Pirambu, ainda um subúrbio, onde se misturavam casebres e palhoças ocupadas por operários e pescadores, que se viam ameaçados, além da miséria, pelos chamados “tubarões”, que se diziam proprietários de terrenos ali existentes. (Op. cit. p.50).

Na década seguinte, de 1950 a 1960, a população de Fortaleza continuava crescendo e praticamente dobrou de tamanho, pois, de 270.169 habitantes, no início da década, passou para 514.818 habitantes ao seu final. Em 1962, dois anos antes do golpe militar, Hélio Modesto entrega o Plano Diretor de Fortaleza, inovando com sua abordagem integrada, que considerava aspectos físicos, sociais e econômicos. No seu Plano, estava contemplada a preocupação com a problemática das favelas, destacando a do Pirambu e a do Mucuripe, e já indicava a ineficiência da transferência da população em decorrência das distâncias entre as futuras residências do setor produtivo e do Centro. Assim, consolida-se a proposta de incentivar a criação de centros de bairros.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a cidade amada**. 2.ed. Fortaleza; Programa Editorial da Casa de José Alencar, 1998.
- ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- AMORA, Zenilde Baima. **Aspectos Históricos da Industrialização no Ceará**. In: SOUZA, Simone de. (Coord.) **História do Ceará**. 4ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- ARAGÃO, Raimundo Batista. **História do Ceará**, Fortaleza: IOCE, 1987.
- ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. **A igreja e o controle político, moral e ideológico da sociedade cearense**. Fortaleza: UECE, ensaio, 1987.
- AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça. Reminiscências**. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- BARREIRA, Irys Alencar Firmo. **O Reverso das vitrines – conflitos e cultura política**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

- CASTRO, José Liberal de. **“Arquitetura Eclética no Ceará”**. In: FABRIS, Annateresa (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Editora da USP, 1987.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; 14 ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORDEIRO, Celeste. **O Ceará na Segunda metade do século XIX**. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... {et al}. *Uma nova história do Ceará*. 4ª ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- FERNANDES, Adelita N. Cardeial et al. **Movimentos Sociais Urbanos em Fortaleza: trajetórias de um novo sujeito social**. In: BRAGA, Elza F., BARREIRA, Irllys (orgs.). *A política da escassez*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.
- FILHO, José Ernesto Pimentel. **Urbanidade e Cultura Política: a cidade de Fortaleza e o liberalismo Cearense no século XIX**. Fortaleza: UFC/ Cada de José de Alencar Programa Editorial, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 35 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Fortaleza: cultura e lazer (1945-1960)**. In: SOUZA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... {et al}. *Uma nova história do Ceará*- 4ª ed. ver. e atual. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- _____. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza**. São Paulo: Annablume, 2000.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Nas trilhas da experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular**. – Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.
- NEVES, Frederico de Castro. *Imagens do Nordeste*. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Niterói, 1998. (Tese de Doutorado – UFF).
- NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. 2ª ed. Fortaleza: UFC/PMF, 1980.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

_____. **A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle**. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... {et al}. **Uma nova história do Ceará**- 4ª ed. ver. e atual. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. 2ª edição. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SANTIAGO, Pádua. **Em busca de reconhecimento: estratégia de inserção e cultura urbana. O exemplo da favela do Pirambu (1930-1970)**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001. Trabalho não publicado.

_____. Pirambu, espaço estratégico de inserção no modelo hegemônico de bem estar e estar bem no mundo. In: GADELHA, Francisco Agileu de Lima, et al. **Outras histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s)**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004. Coleção Magister.

SILVA, José Borzacchiello da. **Nas trilhas da cidade**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2005.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **Fortaleza: imagens da cidade**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

_____. **Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.); VIEIRA, Tanísio... {et al }. **Seca**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOUZA, Simone. **Da “Revolução de 30” ao Estado Novo**. In: SOUZA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... { et al}. **Uma nova história do Ceará**. 4.ed. ver. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SOUZA, Maria Salete de. **Fortaleza – Uma Análise da Estrutura Urbana**. In: 3º Encontro Nacional de Geógrafos – UFC, Fortaleza, 1978.

THEOPHILO, Rodolpho. **A Libertação do Ceará (A Queda da Oligarchia Accioly)**. Lisboa: Typ. Editora Limitada, 1914.

_____. **A Sedição do Joaseiro**. São Paulo: Ed. Revista do Brasil, 1922.